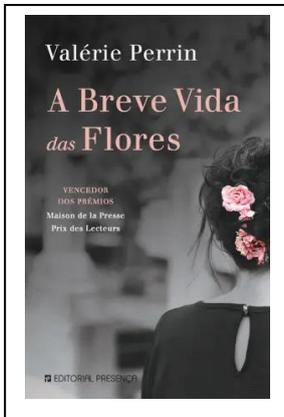


**[A vida breve das flores]
[Valérie Perrin]****[Valérie Perrin] Biografia:**

Romancista e uma das autoras mais importantes no atual panorama literário francês, Valérie Perrin nasceu em 1967 em Remiremont, Vosges. Em 1986, saiu da Borgonha, onde cresceu, para se fixar em Paris. A Breve Vida das Flores, o primeiro romance da autora publicado em Portugal, está já traduzido em mais de 30 línguas, foi distinguido com os prémios Maison de la Presse e Prix des Lecteurs e tornou-se o livro mais vendido em Itália no ano da sua publicação. Valérie Perrin, que foi também fotógrafa de cena e cenógrafa, juntamente com o seu companheiro Claude Lelouch, vive na Normandia.

Sinopse de [A vida breve das flores]

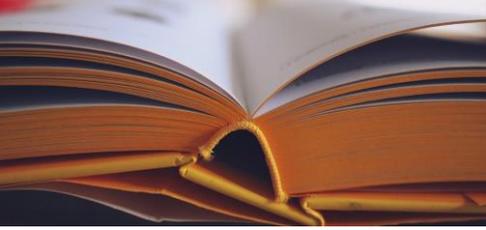
Íntimo, poético e luminoso.

O romance protagonizado por uma mulher que, contra tudo e contra todos, nunca deixa de acreditar na felicidade.

Violette Toussaint é guarda de cemitério numa pequena vila da Borgonha. A sua vida é preenchida pelas confidências - comoventes, trágicas, cómicas - dos visitantes do cemitério e pelos seus colegas: três coveiros, três agentes funerários e um padre. E os seus dias pareciam ser assim para sempre. Até à chegada do chefe de polícia Julien Seul, que quer deixar as cinzas da mãe na campa de um desconhecido.

A história de amor clandestino da mãe daquele homem afeta de tal forma Violette, que toda a dor que tentou calar vem ao de cima. É tempo de descobrir o responsável pela tragédia que afetou a sua vida.

Atmosférico, tocante e - tantas vezes - hilariante, este é um romance de vida: dos que partiram e vivem em nós, da luz que se pode revelar mesmo na mais plena escuridão. Porque às vezes basta a simplicidade de um gesto, basta a frescura da água viva para nos devolver ao mundo, a nós mesmos e aos outros.



“A Breve Vida das Flores”, um hino à felicidade

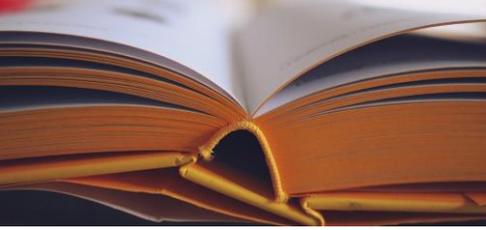
27 de Maio, 2022 by AveiroMag, **A PÁGINAS TANTAS**

Filipa Matias Magalhães*

Porque estamos na primavera, mas sobretudo, porque qualquer mensagem de esperança é sempre bem-vinda, esta semana sugiro-vos o primeiro livro da Valérie Perrin publicado em Portugal, “A Breve Vida das Flores”. Este não é um livro qualquer, é um livro que nos permite cheirar e ver e sentir todas as emoções que a autora nos quer transmitir, e nos transporta para um universo em que nos convida a apreciar as coisas pequenas e boas da vida. “- Veja como está bom tempo, hoje. Inebrio-me todos os dias com a beleza do mundo. É claro que há a morte, o desgosto, o mau tempo, o dia de Todos-os-Santos, mas a vida sai sempre vitoriosa. Há sempre uma manhã em que a luz é bela e a erva renasce nos terrenos queimados.”

É a esta capacidade de nos deixarmos inebriar pela vida que a autora nos apela, apresentando-nos relações, sentimentos e emoções que dão sentido à vida, até mesmo quando tudo parece conduzir no sentido oposto. Valéria Perrin, uma das escritoras mais importantes em França, estreou-se em Portugal com este belíssimo romance, já traduzido em mais de 30 línguas e justíssimo vencedor do prémio Maison de la Presse e Prix des Lecteurs. Mais de 400 páginas de uma escrita carregada de poesia e de lições sobre o amor, o casamento, a amizade e a capacidade de nunca nos abandonarmos à dor nem deixarmos que esta nos molde. A autora tem uma capacidade única de, através da sua escrita envolvente, nos emprestar os seus olhos atentos ao detalhe de fotografia, para vermos toda a beleza que é possível encontrar nas pequenas coisas da vida, como as flores – que desempenham um papel central no romance – um banho no mar ou até mesmo uma salada de tomate vermelho e maduro.

O livro entrelaça duas histórias centrais: a história de vida da protagonista Violette Toussaint – uma história dura, triste e marcada pelo abandono e pela perda; e a história de um amor proibido, entre Irène e Gabriel, que nos é dada a conhecer pelos trechos do diário de Irène que Violette vai lendo enquanto vamos acompanhando a história da sua vida.

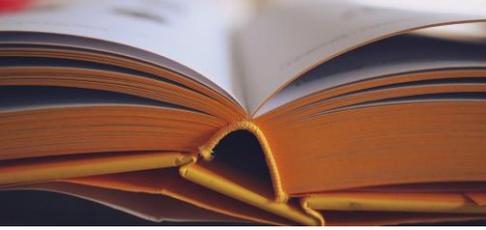


Violette Toussaint é órfã de pais e vive uma infância entre casas de acolhimento, a sonhar com o conforto e o colo que uma família dá e que ela não teve. “A lotaria da vida às vezes está mal distribuída. Eu gostaria muito mais de ter sido criada por um homem como o padre Cédric do que ter andado a passar de família em família.” Mas esta infância dura não a torna uma jovem amarga e é no auge da sua adolescência que Violette conhece e se apaixona por Phillipe Toussaint com quem acaba por se casar e ter uma filha, Léonine. Mas também Phillipe, depois de uma vida de traições, acaba por abandonar Violette, um abandono silencioso e que por vezes mina as relações, aquele abandono em que as pessoas ficam por comodismo quando, na verdade, já nada as une. “Os casais que nunca gritam, que nunca se zangam, que são indiferentes um ao outro vivem por vezes a maior violência de todas. Em nossa casa não havia loiça partida. Nem janelas fechadas para não incomodar os vizinhos. Só silêncio.” Porque “não se deixa uma mulher que já não se vê, que não faz cenas, que não faz barulho, que não bate com as portas – é demasiado prático para se abandonar.”

Uma infância e uma juventude marcadas pela perda e pelo abandono consegue piorar quando Violette perde cedo demais a pessoa que mais amou, a sua filha Leonine. Leonine, tal como as flores, teve uma vida curta, mas foi, como as flores, muito bem cuidada e estimada durante a sua vida. Sem conseguir ir ao funeral da sua filha, Violette opta por não se despedir e manter viva a sua filha, alimentando-se das memórias doces que esta semeou no seu coração e na sua vida. “A saudade, a dor, o insuportável, podem fazer viver e sentir coisas que ultrapassam a imaginação. Quando alguém partiu, partiu. Exceto no espírito dos que ficam. E o espírito de um homem é certamente maior do que o Universo!” É também curiosa a forma como Violette descreve como as outras pessoas a encaram após a morte da filha. “As pessoas são estranhas. Não conseguem olhar nos olhos de uma mãe que perdeu o filho, mas espantam-se ainda mais se a virem reerguer-se, arranjar-se, mimar-se.”

Os detalhes nesta história são fabulosos, e até a profissão de Violette assume um significado muito especial, quem imaginaria ver beleza na profissão de guarda de cemitério?

Violette conseguiu o inimaginável e encarou a sua profissão com uma dedicação e cuidado que diríamos impossível naquele contexto, cuidando dos mortos, mudando a água das flores das suas campas para que aquelas não murchassem, e dos vivos que os visitavam com os mais diferentes rituais e a quem dava espaço para viverem o luto à sua maneira e estas não eram as suas obrigações... permitindo que estes a visitassem e desabafassem com ela. Violette sabia que se nos limitarmos a



fazer as nossas obrigações a vida é triste e que todas as pessoas com quem nos cruzamos na vida, têm um propósito.

“- Não sabia que isso fazia parte das suas obrigações.

– Não faz. Mas se fôssemos fazer só o que faz parte das nossas obrigações, a vida seria triste.”

Desenganam-se se pensam que vamos encontrar uma personagem sisuda e compenetrada na missão de ser feliz, apesar de tudo o que lhe aconteceu. Violette é uma pessoa divertida que encara tudo na vida com um sentido de humor, até mesmo a morte ... “Adoro rir-me da morte, gozar com ela. É o meu modo de a esmagar. Assim, arma-se menos em importante. Ao troçar dela, deixo a vida ocupar a posição cimeira, tomar o poder (...) tenho a certeza de que acabamos por nos rir de tudo. Sorrir, pelo menos. Acabamos por sorrir de tudo.”

A riqueza da personagem está, não só nesta capacidade e força interior para lidar com as dificuldades da sua vida, como também na escolha do seu nome Violette – nome de uma flor – Toussaint – que em francês significa Todos os Santos, uma ironia e referencia à sua profissão de guarda de cemitério. Mas a autora revela o seu lado feminino pela importância que o guarda roupa tem nesta história. Violette veste-se de inverno por fora, com cores escuras que escondem a roupa alegre que usa debaixo do casaco, veste-se de primavera e usa cores coloridas, revelando assim a sua vontade de viver de forma alegre, divertida e com a esperança que a primavera representa.

Mas não é apenas em Violette que a descrição do vestuário é significativa, também em Irène (a paixão proibida de Gabriel) a referência à roupa bege e sem cor que usa quando está na sua loja de flores e junto do seu marido e filho – o bege é uma metáfora para a ausência de cor e de alegria – contrastam com a roupa colorida e bonita que Gabriel lhe oferece quando estão juntos, a roupa transporta a promessa da cor que o amor traz à nossa vida: “- Amor. Gostaria de lhe tirar o bege e fazê-la ver de todas as cores, Irène Fayolle.”

Os jogos de cor são uma constante neste livro que apela ao nosso lado mais sensorial e utiliza as cores como símbolos da mensagem que quer passar. “É preciso que o negro se acentue para que a primeira estrela apareça”.

Falando ainda sobre a importância do amor neste livro, depois de o amor a ter desiludido tanto, Violette opta por não se fechar e dar-lhe uma nova oportunidade, acreditando no amor quando conhece Julien

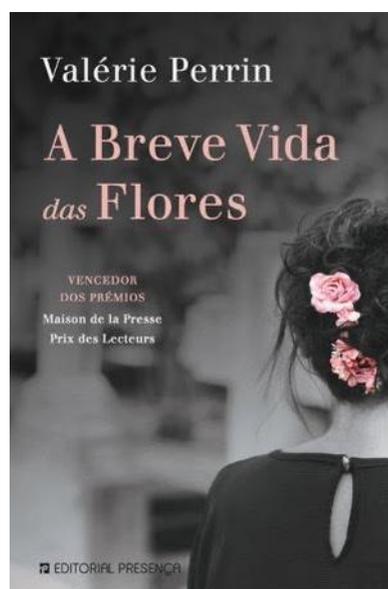
que a trata com o cuidado e dedicação que só o amor verdadeiro conhecem e respeita os seus silêncios e necessidade de espaço. “O amor é quando se encontra alguém que nos dá novidades acerca de nós.”

Este é também um livro sobre amizades, daquelas amizades inesperadas que nos dão colo e nos ajudam a apanhar os nossos pedaços e colá-los para nos reconstruirmos. A amizade com Sasha é uma amizade de duas pessoas com quem, por motivos distintos, a vida não foi simpática, e que se unem nas duas dores e fragilidades, apoiando-se e cuidando-se mutuamente e ajudando o outro a reconstruir-se. Nesta amizade representa um papel muito especial a ligação à terra, às flores, aos legumes, ao chá e a tantos pormenores simples que revelam um cuidado tão puro e desinteressado. Também a amizade com Célia, surge de forma inesperada e torna-se duradoura. É também uma amizade que cuida e que ajuda a superar os momentos difíceis revelando a força que a amizade entre duas mulheres pode ter. As pequenas coisas, o amor que encontra em Julien e estas duas amizades dão a Violette a força para continuar a viver.... “- Porque a minha vida nunca se refaz. Pegue numa folha de papel e rasgue-a: bem pode colar todos os pedacinhos, que haverá sempre falhas nos sítios rasgados, sobreposições e fita-cola.”

Por último, porque este livro tem uma linda mensagem de esperança deixo-vos com o apelo que Violette nos deixa. “Tenho vontade de abrir as janelas e gritar a quem passa: “Reconciliem-se! Pelam desculpa! Façam as pazes com aqueles que amam! Antes que seja demasiado tarde!”

Tenho a certeza que este livro vos vai encantar tanto como a mim.

Vemo-nos nas próximas páginas!



*** Escreve, quinzenalmente, a crónica literária “A páginas tantas”**

Perrin no Salone: «Gostaria de vir morar em Itália»

Valérie Perrin, «estrela convidada» do Salone

Corriere Torino 16 Oct 2021 Angeleri



«Desde o início que Itália se repete nos meus livros e não é por acaso. Gostaria muito de fazer uma história neste país e é possível que um dia venha morar aqui». A escritora francesa Valérie Perrin, ontem em Turim para a Feira do Livro, fala dos seus romances e como nascem, onde «encontra» as suas personagens e «A vida breve das flores» que em breve vai ser um série televisiva. Mas também da relação com o cinema e com o seu parceiro Claude Lelouch.

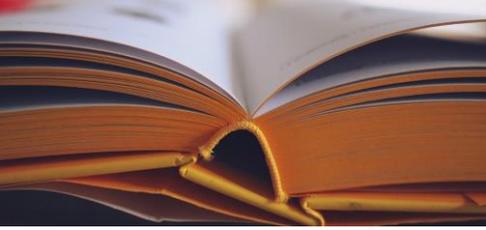
Tudo de belo, sofisticado e charmoso que imaginamos sobre as mulheres francesas é personificado por Valérie Perrin. Ele chega com uma chávena do cobiçado café expresso na mão, leve e brilhante como as páginas de seus livros. Como diretora de fotografia, ela está a tentar entender o efeito que a luz do céu de Turim tem sobre ela, que ainda não decidiu se ficará cinza ou azul pelas imensas janelas do hotel a dois passos do Lingotto.

"A vida breve das flores" - que em breve virará uma série de TV produzida por um italiano cujo nome ainda é ultrassecreto - é uma história de renascimento. Como renasce todos os dias?

"Eu vivo sempre no presente. Nunca no passado nem no futuro. É isso que permite que o sentimento de renascimento exista e esteja em todos os meus romances. A minha tentativa é convidar os leitores a aproveitar sempre o momento presente».

Onde conhece os seus personagens?

"Violette nasceu num cemitério na Normandia perto da casa dos pais do meu parceiro. Estávamos a passear com os nossos cães e sentei-me num túmulo para trocar de sapatos, e de repente tive a revelação sobre Violette.



Em "Três" Nina fala acima de tudo, eu conheço-a bem porque ela cuida de um abrigo de animais do qual faço parte há quatro anos. Para os personagens masculinos me inspirei em pessoas que conheço enquanto "conhecia" Virginie numa feira do livro.

Há diferença em escrever para o cinema ou para um romance?

«Nos meus livros sou livre: sou cenógrafa, figurinista, cuido da fotografia. No cinema você está ao serviço de alguém. Se escrevo para os filmes de Claude Lelouch, traduzo o que ele quer».

A sua escrita é sensorial. Lendo-a, percebem-se os cheiros, sentem-se os sabores...

“Costumo escrever na primeira pessoa e realmente sinto fisicamente o que os meus personagens estão sentindo. Seja uma menina de cinco anos ou um senhor idoso. O frio, o calor, os perfumes...».

Pensaria em escrever uma história passada em Itália?

«Adoraria e não é de excluir que um dia venha morar em parte no sul da Itália que eu amo loucamente. “O caderno do amor perdido” foi inspirado em Milena Angus, eu adoraria morar na Sardenha seis meses por ano. Desde o início, a Itália se repete em meus livros e não é por acaso».

Há também muito mar.

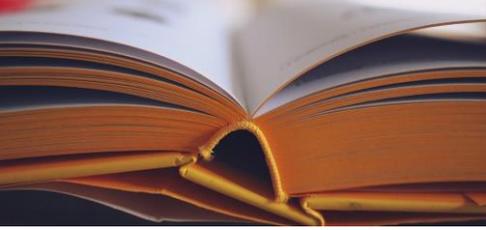
«A água é como um baptismo. Na água você se lava de tudo. Também em "Três" os protagonistas fazem uma viagem à Itália e há essa cena em que há um mergulho no mar que simboliza um batismo. Na água de Marselha, Violette repara sua dor».

Ser parceira de Claude Lelouch já a colocou na situação de ser a «esposa de», antes do seu sucesso?

«Ser sua parceira não foi um problema para mim, pelo contrário, foi uma força. Aprendi a escrever guiões com Lelouch e a estar com uma pessoa do nível dele ajudou-me a me formar na minha profissão. Na França eu sou Valérie Perrin, é difícil para mim associar-me a ele».

A situação das mulheres em França é equilibrada?

«Não sei bem o que se passa em Itália. Porém, acho que um grande problema é a grande dependência económica que existe, ainda hoje, dos maridos. As mães são responsáveis por ensinar aos seus filhos e filhas a importância primordial da independência. O meu filho trata bem as mulheres porque eu o criei bem.»



Lire 25 Mar 2021 Baptiste Liger

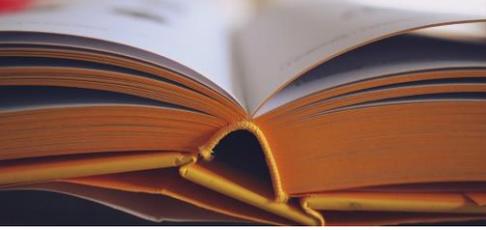
Valerie Perrin

O SEU AMOR INCONDICIONAL PELOS “PEQUENINOS” MALTRATADOS PELA VIDA



O sucesso mundial de “Changer l'eau des fleurs” fez da romancista de Gueugnon – também companheira de Claude Lelouch – uma personalidade proeminente, que, no entanto, prefere a discrição. Retrato de uma contadora de histórias cuja humildade e autenticidade conquistaram os leitores.

Ela é uma campeã. Quem pode se orgulhar de estar no pódio, não só em França, mas fora das nossas fronteiras? Poucos autores franceses contemporâneos alcançaram sucesso – mesmo que apenas em respeito – em países não francófonos. Mas a partir daí assumir o fenómeno das

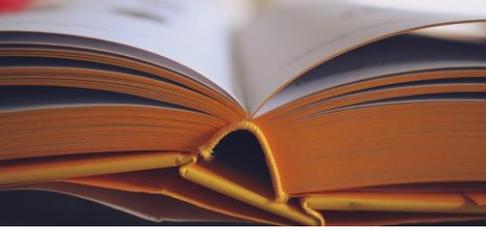


livrarias... Assim, Valérie Perrin não esperava se tornar uma autêntica estrela na Itália. E quem imaginaria que “Trocar a água das flores” – *Cambiare l’acqua ai fiori*, na língua da Morávia – teria sido, entre os nossos vizinhos transalpinos, o livro mais vendido em 2020? Se não é muito espetacular, a história de Violette, a guarda do cemitério na Borgonha, atingiu o alvo dos leitores. “As pessoas, durante o confinamento, sem dúvida precisavam de uma história dessas”, avança a autora que nos recebe na sua grande casa, no coração de Montmartre, que ocupa com seu companheiro cineasta, Claude Lelouch.

Se ela não tem necessariamente um espírito competitivo na literatura, Valérie Perrin foi criada no desporto. O seu pai, Yvan, foi jogador de futebol profissional por muito tempo, um dos principais atacantes da equipa de Gueignon. Foi nos “Ferreiros” que a romancista - ainda adepta da seleção da França, sem ofender seus agora amigos tifosi - cresceu entre “grampos, sapatos e camisas que fediam a suor. Depois da carreira, meu pai tornou-se jornalista desportivo, o meu irmão mais novo estava na equipa francesa do Sochaux e meu tio Gilles também jogava futebol. Essa atmosfera de forma alguma a impediu de amar os livros desde muito jovem. “Na escola, adorava descobrir autores nas aulas de francês. Infelizmente, isso não é suficiente para ter uma escolaridade normal. Eu odiava o mundo escolar. Eu não sabia o que esperavam de mim. Foi assim que Valérie Perrin escolheu terminar seus estudos na primeira classe. “Até fiz um currículo falso para fingir que tinha passado no bacharelado. Paris – estamos em meados dos anos 1980 – onde ela imediatamente encontra trabalho. Depois de uma passagem pela Franck & Fils, onde vende vestidos para comícios, multiplica empregos temporários, casa-se, tem filhos. O tempo passa e ela torna-se gerente de uma empresa de telefones móvel em Trouville-sur-Mer. A empresa faz sucesso, muda-se para Paris, mas Valérie prefere ficar por lá, abandonando a atividade. Ela então conhece Claude Lelouch. E, numa palavra, “chabadabada”.

UMA PAIXÃO DIGNA DA ELEGÂNCIA DO OURIÇO

Tornada fotógrafa, esta multitalentosa artista tenta transpor *Les Yeux jaunes des crocodiles* de Katherine Pancol – uma adaptação que, por diversas razões, nunca verá a luz do dia – antes de escrever o guião original da longa-metragem *Bastard, nós gostamos*. Foi nessa época, em 2013, que ela terminou seu primeiro romance, *Les Oubliés du dimanche*. Inicialmente, tratava-se de um conto escrito em 2000, que o autor decidiu, em 2007, retomar e desenvolver. Albin Michel aceita o manuscrito e publica-o em 2015, com algum sucesso. Mas nada comparável ao frenesim em torno de *Changer l'eau des fleurs*, três anos depois, que recebeu uma infinidade de prémios (incluindo o Prémio Maison de la presse) e que, em formato de bolso, se transformou num fenómeno com mais de 850.000 exemplares vendidos (e a continuar). Este formato permite ao leitor descobrir um autor, a arriscar, graças ao seu preço e ao seu formato acessível”, enfatiza Béatrice Duval, diretora do Livre de Poche. “O que Valérie sabe transmitir com perfeição em seus livros é seu amor incondicional por esses “pequenos” que a vida maltrata. Eles são resilientes, honestos, dignos em situações difíceis. E os leitores sabem muito bem decifrar essa sinceridade do autor. Comparando esse entusiasmo com *L'Élégance du hérisson* de Muriel Barbery ou com certos livros de Anna Gavalda, Nathalie Iris, da livraria Molsenmarge (LaGarenneColombes) aponta para “um grande boca a boca, um livro que passamos 'entre amigos', com personagens com quem facilmente identificamos e a quem nos oferecemos na menor oportunidade”. O livreiro também observa um público “muito grande”, misturando regulares de Guillaume Musso



e Marc Levy, bem como os de Delphine de Vigan e David Foenkinos, mas também "leitores que costumam ler livros no estilo de mais trabalho, mas que, especialmente no momento, procuram romances cuja história os conquiste sobretudo". Quem disse que não poderíamos gostar? Devemos nos modelar no "ao mesmo tempo" de Valérie Perrin?

SAÔNE-ET-LOIRE, UMA FORTE PEGADA TERRITORIAL

Compreendemos, portanto, melhor a expectativa em torno da publicação de seu terceiro romance, com o título judiciosamente numérico: Três. Um título que remete a uma das bandas favoritas do autor, Indochine – e seus sucessos Três noites por semana, Terceiro sexo, etc. –, que muitas vezes encontramos, ao longo da história, girando essencialmente em torno de um trio de amigas, que se conheceram na faculdade nos anos 1980. “Queria falar do corpo, da adolescência, do facto de desembarcar na capital quando se vem do campo, ela sublinha. Eu também queria evocar o facto de nos perdermos de vista, e depois nos encontrarmos – o que leva a situações em que nos sentimos felizes e outras em que nos sentimos muito desconfortáveis. O que nos faz deixar de nos amar? Por que nos chamamos menos? “Além dos temas (inspirados em Pare com suas mentiras de Philippe Besson – mesmo que as obras sejam tão diferentes), Três também é baseado num carro encontrado e no desaparecimento de uma jovem. “Graças às reações nas redes sociais, percebi que minhas tramas sempre funcionam um pouco como um thriller. E não é consciente. Em Les Oubliés du dimanche, por exemplo, há um corvo cuja identidade buscamos ao longo do livro. O romance assenta também numa forte ancoragem territorial, no seu querido Saône-et-Loire, mesmo que Valérie Perrin tenha se divertido um pouco baralhando as cartas. Os seus lugares de inspiração estão em Gueignon, mas ela localizou os factos na pequena cidade, bem próxima (e aqui reinventada), de La Comelle onde mora outra romancista, Sandrine Collette. Outro autor “local” também tem direito a uma homenagem em Trois, nomeadamente Christian Bobin, o ermitão de Le Creusot que dá nome a uma das personagens. Esta não é a única caneta para a qual a romancista se permite uma piscadela. Assim, encontramos um certo “Désérable” que remete a François-Henri, o autor de Évariste. “Se fosse preciso apenas uma palavra para descrevê-la, eu diria que ela é a própria bondade”, analisa.

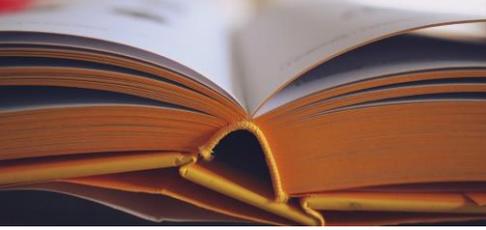
“OS MEUS TRAJETOS SEMPRE FUNCIONAM UM POUCO COMO UM POLAR”

“EXTREMA GENTILEZA E EXCELENTE SUAVIDADE”

(quase) vizinha, na colina de Montmartre. “Ela é uma mulher de uma bondade que não temos mais, de extrema benevolência e de requintada doçura. Ela escuta, as pessoas realmente a interessam, ela mostra uma empatia muito rara que explica em parte seu sucesso. Acho que ela gosta especialmente do meu nome por causa do som, e ela me disse recentemente que o deu a um de seus personagens. Isso me diverte, e Valérie até faz uma aparição furtiva no meu próximo romance...”

CANDIDATO AO PARTIDO ANIMALISTA

Mas a realidade também surge no romance de uma forma muito diferente, na evocação de um abrigo de animais. E por um bom motivo, Valérie Perrin é a madrinha. “Tenho observado muitos fenómenos dentro deste estabelecimento e isso diz muito sobre nossa humanidade. Aqueles que são abandonados por um motivo ou outro – o dono está morto, o cão já não é bom na caça, não



trabalha na família, etc.»), comenta aquela que foi candidata do Partido Animalista nas eleições europeias. “Não estamos aqui para julgar, mas para ajudar, para colocar os melhores. É muito interessante ver quem são as pessoas que vêm passear, e todas as pessoas que lá trabalham. Além disso, os gerentes do refúgio Annie-Claude Miniau não param de elogiar o que viram em reportagem da France 3 Bourgogne Franche-Comté, sobre a escola de cinema de Claude Lelouch em Beaune. “Mande uma mensagem para a editora dele, que me passou o endereço de e-mail”, especifica a presidente do estabelecimento, Anne-Marie Magny. “Pedimos para ela ser nossa madrinha e ela não só aceitou como vem regularmente. Tive a oportunidade de ler Três e gostei muito da forma como descreve o nosso quotidiano. É muito justo. Ela reproduziu perfeitamente as expressões que usamos sobre os animais. Além disso, a diretora do refúgio, Maud Colella, também inspirou a personagem de Nina...” E dizemos a nós mesmos que teríamos um papel formidável ali, para uma atriz...

A propósito, quando haverá uma adaptação cinematográfica dos romances de Valérie Perrin? Em primeiro lugar, ela gostaria, para *Les Oubliés du dimanche*, de uma versão para as pranchas, sob a égide de sua nora, Salomé Lelouch. Quanto a *Changer l'eau des fleurs*, muitos produtores quiseram embarcar na oportunidade. “Inicialmente, eu queria adaptá-lo sozinho. Deixei-me então levar por uma oferta da Itália. Mas, há poucos dias, soube que uma grande estrela americana, muito conhecida, se apaixonou por Violette e queria encarná-la a todo custo. A bela história, ao que parece, não acabou.

06 Mar, 2023, Blog [livrosquesãoamigos](#), Isabel Silva

[A breve vida das flores](#)



A breve vida das flores - Valérie Perrin

Depois de ter lido um comentário de uma ilustre escritora que aprecio, e que referiu-se a este livro como "banhada" e "mastrança", a curiosidade ficou ao rubro. Creio ser um dos livros mais comentados do momento, e sempre com elogios, por isso, este livro que estava na montanha de livros por ler, foi o senhor que se segue.

Peguei e li metade do livro de uma assentada, o resto foi nos dois dias seguintes. Fui engolida, fui envolvida pela vida de Violette e por todas as sensações que com força e com delicadeza vamos conhecendo ao longo destas páginas cheias de vida sofrida, generosa, cheia de dúvidas, e cheia de humanidade.

Os cemitérios passaram a ter uma imagem muito mais confortável depois desta leitura.

Os meus vizinhos são determinados. Não têm preocupações, não se apaixonam, não roem as unhas, não acreditam no acaso, não fazem promessas nem barulho, não têm segurança social, não choram, não procuram as chaves nem os óculos, o telecomando, os filhos ou a felicidade.

Não lêem, não pagam impostos, não fazem dieta, não têm preferências, não mudam de opinião, não fazem a cama, não fumam, não fazem listas, não pensam duas vezes antes de falar. Não têm substitutos.

...

Estão mortos.

No início de cada capítulo, temos frases como estas;

- A minha avó ensinou-me muito cedo como apanhar estrelas:

basta pôr de noite uma vasilha com água no meio do pátio para as vermos a nossos pés.

- Toutinegra, se voares sobre esta sepultura, canta-lhe a mais bela canção.

- cremos que a morte é uma ausência, quando afinal é uma presença secreta.

- A morte de uma mãe é o primeiro desgosto que choramos sem ela.

Opiniões! Cada um tem a sua, cada um a sua maneira de ver e sentir. Afinal, se toda a gente gostasse do amarelo, a vida seria um pouquinho mais monótona. Quanto a mim, leiam este livro, não se arrependem!